EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA REPERCUSSÃO NO DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO PSICOLÓGICO

ALINE DE JESUS

RESUMO

O presente trabalho tem a modesta pretensão em lançar luz acerca da Educação na primeira infância e como a psicologia atua em nível educacional, no campo das intenções e conceituações, que tem um ser em desenvolvimento para participar durante os primeiros seis anos da sua vida. A este respeito, todas ações voltadas ao cuidado da criança – devem ter intencionalidades que norteiam e promovam seu desenvolvimento. Nessa perspectiva, o propósito do presente artigo é focado no pensamento de uma postura crítica sobre a importância da psicologia na educação Infantil, na mediação dos processos cognitivos para o desenvolvimento humano integral e o modo como a psicanálise pode ser favorável.

Palavras-chave: Psicologia; Educação; Infância; Família; Escola

INTRODUÇÃO

A escola e a família são as duas grandes instituições de ensino que têm por princípio que as crianças se constituam como cidadãos. Por esta razão, nem a escola por um lado, nem a família por outro, podem desempenhar essa função de forma isolada e diferenciada uma da outra. A escola não é o único contexto educacional, mas sim um dos contextos. A família e a mídia desempenham também um importante papel educacional nesse contexto, portanto, a escola sozinha não pode satisfazer as necessidades de formação dos cidadãos, assim sendo, a organização do sistema de ensino, deve ter a colaboração de pais, mães e responsáveis, como agentes primários na educação das crianças os quais devem formar.

Ao longo da história, a família parecia ter uma função clara, era responsável por educar seus filhos, e a escola, teve a incumbência de ensinar com base em critérios pré-estabelecidos uma série de conteúdos e conhecimentos. Ambos, com missões bem diferenciadas, a escola tinha como desígnio treinar os cidadãos de acordo com o que a sociedade daqueles tempos considerava como adequado ou necessário. Ao longo dos anos, a sociedade sofreu uma série de mudanças, que afetaram consideravelmente as funções da família e da escola. Inevitável nos encontramos em um momento crucial em que devemos definir quais funções cada um, para que de fato tenhamos a perspectiva acerca da necessidade de gerar espaços, tempos e ações a serem articuladas, com o propósito de que com a colaboração de ambos seja possível amoldar às peculiaridades adequadas à formação dos nossos jovens cidadãos.

O presente trabalho destinará esforços no sentido de discutir e debater por meio do levantamento bibliográfico questões que do meu ponto de vista foi alvo de inquietação. A psicologia nasce da necessidade em desenvolver métodos e instrumentos de referenciais teóricos para sanar defasagens no processo educacional, portanto abordei aqui alguns pontos de relevância que acredito serem fundamentais a esse quesito.

Neste sentido, é importante nortear a educação da primeira infância, que hoje então, parece que não encontrou definitivamente sua direção, sua identidade e assim se move de acordo com as modas de diferentes pedagogias, de diferentes propostas, sem encontrar uma maneira de se situar com uma intencionalidade definida. A este respeito investigações feitas pelo psicopedagogo em várias escolas de educação infantil mostram que não há diretrizes precisas sobre o Currículo que elas desenvolvem. O desenvolvimento das crianças, depende de múltiplas condições e esclarecê-lo é uma tarefa fundamental da psicologia numa contribuição significativa no que diz respeito as regularidades do desenvolvimento das crianças.

PAPEL PRIMORDIAL DA PSICOLOGIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Psicologia é a ciência que aplica as perspectivas neuronais psicológicas e pedagógicas à educação, que por sua vez, é uma ciência aplicada onde a fusão desses elementos reflete a preocupação na adaptação, promoção da equidade, resiliência e zelo ao conjunto de sujeitos necessitantes e cujo escopo é a educação, que fornece métodos, técnicas e procedimentos para alcançar um processo de ensino-aprendizagem adequado às necessidades da criança, procurando prevenir e auxiliar em dificuldades que surgem no indivíduo durante o processo de aprendizagem.

"[...] um dos aspectos mais significativos, na concepção da Educação Infantil nesses últimos anos, é o de reconhecer a criança como sujeito desde o momento de seu nascimento. Como ser único, lhe é atribuída uma identidade própria no que diz respeito à sua maneira de ser, à sua realidade e ao direito de receber uma atenção adequada a suas necessidades básicas (biológicas, cognitivas, emocionais e sociais". (SÁNCHEZ, 2003. p. 11)

Note-se que o papel principal da psicologia no campo da educação escolar é o estudo, prevenção e correção das dificuldades que podem apresentar um ou mais alunos no processo de aprendizagem, podendo

ser destinado a crianças sem nenhum tipo de necessidade especial aguçada, ou mesmo a quem possui altos graus de deficiência intelectual. Dentro dos parâmetros normais sua aplicação tem fundamentos específicos, mas ao ser identificado crianças com dificuldades de aprendizagem as técnicas podem ser diversas e as brincadeiras acabam por representar elementos essenciais nesse processo.

"A brincadeira cria para as crianças uma "zona de desenvolvimento proximal" que não é outra coisa senão a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível atual de desenvolvimento potencial, determinado através de resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro capaz." (VYGOTSKY,1984. p.97)

De um modo geral, o papel da psicologia educacional é o estudo do problema que enfrenta uma pessoa ao detectar e definir o seu potencial cognitivo, emocional e social para um desenvolvimento melhor e mais saudável nas atividades que realiza. Dentre os objetivos da psicologia estão entender e melhorar os processos de ensino e aprendizagem.

"[...] o problema de aprendizagem, colocado em um território pouco explorado, situado além dos limites da psicologia e da própria pedagogia – e evoluiu devido a existência de recursos, ainda que embrionários, para atender a essa demanda, constituindo- se assim, em uma prática. Como se preocupa com o problema de aprendizagem, deve ocupar-se inicialmente do processo de aprendizagem. Portanto, vemos que estuda as características da aprendizagem humana: como se aprender, como essa aprendizagem varia evolutivamente e está condicionada por vários fatores, como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las, tratá-las e a preveni-las." (BOSSA, 2011, p. 24)

Neuropsicopedagogos educacionais desenvolvem procedimentos e métodos, também usam o conhecimento em psicologia e outras disciplinas relacionadas para estudar aprendizagem e ensino em situações cotidianas. Assim a neuropsicopedagogia é diferente de outros ramos da psicologia, porque seu objetivo fundamental é a compreensão e a melhoria da educação numa perspectiva equalizadora e resiliente.

"Este aspecto de trabalho psicopedagógico requer uma atitude de investigação e de intervenção, própria da abordagem clínica no tratamento das questões pedagógicas, pondo em destaque a importância do diagnóstico nessa tarefa. Do ponto de vista metodológico, a observação aparece como o instrumento principal de trabalho, complementada pelo domínio de referenciais teóricos apropriados à interpretação das situações e/ou fenômenos observados (CAVICCHIA, 1996. p.109)

A localização epistemológica encontra-se no campo da Pedagogia, que por sua vez, é uma área de educação, as tradições culturais latinas e saxônicas influenciaram o desenvolvimento da ciência aqui estudada. A existência da psicologia como uma disciplina com um campo de ação, teorias, métodos de pesquisa, problemas e técnicas que lhe são próprias diz respeito a sua história, conteúdo e pesquisa, status epistemológico no campo das Ciências da Educação e das áreas físicas onde se desenvolve.

DESAFIOS DA PSICOLOGIA: INTERAÇÃO E RECONHECIMENTO

Assim dispostos, geram uma percepção negativa no cunho educacional, não conseguem assumi-lo como seu principal auxiliar na educação de seus filhos e tendem a desqualificar o corpo docente. A desvalorização mútua e a atribuição cruzada de culpa os descreditam diante dos olhos da criança. Família e escola tornam-se incomunicáveis e se desligam. O resultado nos dá pais desprendidos, professores indiferentes e menores sem referências significativas. O filho/educando transita em ambos os mundos e precisa deles relacionados, mas sem ser sufocado ou puxado entre eles.

"[...] Para a escola, os alunos são apenas transeuntes psicopedagógicos. Passam por um período pedagógico e, com certeza, um dia vão embora. Mas, família não se escolhe e não há como mudar de sangue. As escolas mudam, mas os pais são eternos [...]". (TIBA 2002. p,181)

Falar a respeito de famílias e escolas ainda continua sendo um desafio. A escola é hoje aquela que pode instalar uma nova cultura onde há abertura ao diálogo, há clareza na comunicação, há coerência da comunidade que educa e o respeito mútuo pela delegação de pais na escola, é uma base que sustenta sua pedagogia. A primeira condição para a entrega dos pais aos professores pode ser realizada com sucesso educativo e a recuperação da confiança mútua hoje desgastada.

Uma boa interação entre a escola e a família oferece à criança uma imagem de reaproximação e relacionamento entre as pessoas que zelam pelos seus cuidados e dá ao ambiente escolar um caráter de familiaridade e segurança. A família e a escola devem atuar em uníssono para atender às necessidades expressas e manifestadas pela criança e, gradualmente, introduzir e promover o desenvolvimento da aquisição de hábitos em direção à autonomia pessoal progressista.

A educação deve garantir um conjunto de experiências que possam se apoiar e com-

plementar as experiências familiares, não abstendo ou substituindo a ação e responsabilidade familiar para com aquela criança, a fim de quae possam atingir o pleno desenvolvimento de suas as habilidades. As metas que se estabelece como psicopedagogos da educação, estão na esfera de incentivar e manter uma atmosfera calorosa e acolhedora, de confiança e respeito, para envolver os pais de modo que parte da comunidade escolar possa compartilhar informações e experiências para ajudar uns aos outros em possíveis projetos de Intervenção.

"O processo de construção de um relacionamento não acontece de forma mágica. A observância de alguns princípios norteadores é fundamental nessa construção como, por exemplo, reconhecer que todas as pessoas são merecedoras da confiança, da amizade e do respeito dos autores." (TISATTO e SIMADON, 2002. p, 42).

A educação de crianças nesse sentido, é uma tarefa compartilhada entre pais e professores com o objetivo de aperfeiçoar as potencialidades educativas e psicossociais nas crianças. Os relacionamentos devem ser cordiais e amigáveis, a fim de chegar a um acordo sobre objetivos, critérios de educação ao lidar com as crianças, para que eles desfrutem de sua infância e construam uma personalidade equilibrada. Em suma, a colaboração estabelecida entre a família e a escola deve tender a converter esses dois contextos em comunidades de práticas educacionais compartilhadas. Um bom relacionamento entre pais e professores proporcionará o processo do ensino e da aprendizagem à criança. Por isso, esse relacionamento deve ser pautado na cordialidade e ser também amigável, gerando um bom clima de confiança entre ambos. Graças a isso, sentimentos de segurança e motivação para a aprendizagem são gerados nas crianças, uma vez que estão cientes da preocupação e do trabalho educativo realizado por seus pais e professores.

FREUD E A EDUCAÇÃO: BASES EPISTEMOLÓGICAS DA PSICOLOGIA

Pronunciar "Sigmund Freud" dentro do campo educacional, muitas vezes faz com que seja associado apenas como o criador de uma técnica de tratamento científico, sem que essa associação inclua a teoria que a sustenta. A maravilhosa herança que recebemos de Freud é muito mais do que um método científico. Freud descobriu a existência do inconsciente, e tal é a transcendência que esta descoberta acarreta em si mesma, o que grande parte da humanidade reagiu com profunda rejeição diante da possibilidade de conhecer a imensidão de seu significado. Talvez, uma das causas dessa reação seja encontrada tomando como premissa universal que os seres humanos geralmente praticam ou subestimam o poder da negação. Ao introduzir Sigmund Freud a variável do inconsciente, surgiu a defesa do pluralismo, a valorização das subjetividades, a importância da avaliação subjetiva e a desqualificação do Behaviorismo.

"Quando Freud abandonou as perguntas no trabalho terapêutico com os pacientes e os deixou dar livre curso as suas ideias, observou que, muitas vezes, eles ficavam embaraçados, envergonhados com algumas ideias ou imagens que lhes ocorriam. A esta força psíquica que se opunha a tornar consciente, a revelar um pensamento, Freud denominou resistência. E chamou de repressão o processo psíquico que visa encobrir, fazer desaparecer da consciência, uma idéia ou representação insuportável e dolorosa que está na origem do sintoma. Estes conteúdos psíquicos "localizam-se" no inconsciente" (BOCK, 2002, p. 73).

Psicanálise, posicionando o sujeito como quem compreende seu comportamento através da historicidade, sexo e criatividade do pensamento, que não se ajusta sistematicamente ao conceito tradicional de behaviorismo de estímulo e resposta. Por sua vez, a doutrina evolucionária fez do homem uma parte da natureza, um animal que evoluiu na escala natural e de acordo com essas abordagens, o homem tornou-se objeto de estudo científico, uma vez que se concluiu que a mente pode ser estudada cientificamente e medida qualitativamente.

Para Freud, a infância aparece como um período dominante na formação da personalidade e sua influência é decisiva na reflexão educacional do século XX. Poucos autores contemporâneos abordaram o problema educacional sem referir-se direta ou indiretamente à teoria psicanalítica, sem, portanto, ter procurado projetar uma pedagogia psicanalítica. Não se trata de pensar sobre educação a partir da psicanálise. O que é necessário e frutífero é pensar em educação com psicanálise.

Os pedagogos em favor da não diretividade que propõem a disciplina como autonomia, tomam Freud como aquele que denuncia a educação como processo repressivo, gerando neurose. O pensamento de Freud sobre a educação e a adaptação da criança à realidade natural e social atesta uma unidade, continuidade e firmeza inquestionáveis. Essa coerência deve-se ao fato de que a psicanálise fornece uma visão global da existência, da qual a infância é o momento fundacional. Ao mesmo tempo, seu pensamento sobre a educação baseia-se em dois aspectos: o biológico e o histórico.

A biologia permitiu que Freud entendesse a imaturidade da criança recém-nascida, que precisa – ao contrário de outras espécies de animais – uma proteção e, portanto, uma influência mais longa dos adultos (não apenas nascida nua e incapaz de se alimen-

tar, mas também esse estado dura muito tempo). A história individual das crianças é marcada pela ação de adultos e essas marcas subsistem e são indeléveis ao longo da vida. No desenvolvimento da infância, há os distúrbios do adulto e os filhos muitas vezes aparecem em dificuldades, produto da ação dos pais ou educadores. Por outro lado, Freud percebeu a implicação da cultura, isto é, a condição do homem como ser cultural.

"Uma reflexão mais apurada nos diz que o sentimento do ego do adulto não pode ter sido o mesmo desde o início. Deve ter passado por um processo de desenvolvimento[...] uma criança recém-nascida ainda não distingue seu ego do mundo externo como fonte das sensações que fluem sobre ela. Aprende gradativamente a fazê-lo, reagindo a diversos estímulos" (FREUD, 1978, p. 133).

Natureza está em toda parte, o fator biológico e instinto, mas, o homem se torna homem, porque esse instinto é submetido à disciplina da cultura, pois deve o homem suportar e ser capaz de adquirir e produzi-la. As normas sociais e culturais fraturam a ordem natural e definem o lugar da educação, que por si só tende a disciplinar a natureza instintiva sem suprimi-la. Freud considera a educação a ferramenta fundamental através da qual o homem conseguiu desenvolver a ciência, a tecnologia e as artes; sendo a educação que possibilitou uma imagem coerente e precisa do universo. Do ponto de vista moral, a escola prepara o sujeito para renunciar aos desejos infantis; ensina a trocar um desejo ilusório por uma realização realista e educa para apoiar certas frustrações necessárias à vida em comum. Do ponto de vista do conhecimento – da aquisição do conhecimento – a educação possibilita ao homem passar do estado de servidão para o de liberdade.

ESCOLA INCLUSIVA E COLABORAÇÃO EDUCACIONAL

Obviamente, é necessário certo grau de coerência entre o modo de entender como a comunicação e a linguagem nos seres humanos, assim como o esquema sobre como organizar o seu ensino no contexto das interações que ocorrem em atividades diárias e rotinas adquiridas tanto a escola como a casa. Os modelos explicativos próximos às teses sociointeracionistas terão que ser encenados em situações educacionais tão naturais e interativas quanto possível, fato que nos leva a escolas inclusivas. Estas se caracterizam pelo fato de todos os alunos terem as oportunidades de aprendizagem e apoios educativos necessários às suas necessidades individuais, ao mesmo tempo em que promovem interações em sala de aula, criação de grupos sociais e estruturas de aprendizagem cooperativa.

"Vygotsky considera a aprendizagem e o desenvolvimento processos que caminham juntos desde o primeiro dia da vida da criança e que o primeiro o aprendizado impulsiona o segundo o desenvolvimento. Ou seja, tudo aquilo que a criança aprende com o adulto ou com outra criança mais velha vai sendo elaborado por ela, vai se incorporando a ela, transformando seus modos de agir e pensar" (FONTANA e CRUZ, 1997, p. 63).

Precisamente o oposto das abordagens que vieram a defender das escolas tradicionais que permaneceram ambientes homogêneos e trabalho fora da sala de aula, e na qual os serviços de apoio só afetam os alunos classificados sob o rótulo de necessidades educativas especiais. Portanto, um modelo de trabalho inclusivo implica uma mudança essencial no modo de compreender e organizar as escolas, seus currículos e suportes e a maneira de conceber as relações entre os profissionais. Transferindo esses princípios para práticas educacionais em face de dificuldades de linguagem, o desafio estaria no desenvolvimento em realizar uma avaliação naturalista, qualitativa e dinâmica que substitua exclusivamente procedimentos quantitativos e padronizados, o enfoque na intervenção nas interações professor-aluno e nas adaptações do currículo que abranjam outras ações sob a exclusiva iniciativa do adulto e de caráter segregacionista.

Elevar as situações individuais para coletivo em que recorrem as estratégias como a organização completa dos contextos de ensino e técnicas de aprendizagem, atuação interativa e sistemas que facilitam de forma direta e indireta, objetivos incorporando intervenção na linguagem em rotinas e roteiros, o ensino incidental da linguagem, entre muitos outros recursos naturalísticos. Essas dimensões podem ser abordadas a partir da análise de três processos básicos: colaboração educacional, avaliação e intervenção.

EDUCAÇÃO INFANTIL

Educação infantil surge em resposta ao abandono por parte de muitos elementos de ordem institucional, desse modo, tem em seus primórdios uma função de custódia e cuidado das classes menos favorecidas, no entanto, não houve intencionalidade educacional como tal. Com o tempo, sua oferta aumentou e levou a uma ampliação da atenção educativa, crescente concebida como impulsionadora do desenvolvimento infantil.

"Fracasso escolar afeta o aprender do sujeito em suas manifestações sem chegar a aprisionar a inteligência: muitas vezes surge do choque entre o aprendente e a instituição educativa que funciona de forma segregadora. Para entendê-lo e abordá-lo, devemos apelar para a situação promotora do bloqueio." (FERNANDEZ, 2001, p.32).

Isso fez aumentar o número de instituições em todos os setores que afetaram de

forma significativa – pelas propostas de Montessori – que levaram à maioria de países a implementar dois ou três anos de escolaridade formal antes da entrada na escola primária.

"A prática docente pode, em muitos casos, contemplar atividades diferenciadas que, muitas vezes, transcendem os limites de uma sala de aula. Cabe ao educador definir metas e estratégias que poderão ser conjuntamente elaboradas com os educandos visando à qualificação do ensino e do aprendizado. Entende-se por prática educativa a forma de condução do ensino de um determinado tema. Os objetos utilizados para esse fim, quais as pessoas envolvidas e como se dará sua participação (até mesmo em que escala ela se dará) e quais os objetivos a serem alcançados são os elementos constitutivos da prática educativa." (SANTOS, 2009, p. 20).

A Definição do termo Educação Pré-escolar ou Educação Inicial, de acordo com a designação atual, requer necessariamente partir de concepções relacionadas à infância. É precisamente nesta fase da vida que o ser humano assume níveis de consciência nos quais esses termos foram expandindo, crianças entre 0 e 6 anos de idade encetam um nível inicial de desenvolvimento que aproveita ao máximo o potencial cognitivo. Para crianças nas idades iniciais já diversos campos explicando o desenvolvimento, tanto a fisiologia, tais como ciências da saúde, sociologia, psicologia e educação têm evidenciado a importância dos primeiros anos de vida, não só para o desenvolvimento das múltiplas inteligências, mas para o adequado desenvolvimento cognitivo, psicomotor, moral, aspectos sexuais e sociais das pessoas, bem como o desenvolvimento da linguagem.

Durante os primeiros anos de vida, a maior parte do desenvolvimento ocorre nas células neuronais e a estruturação das conexões nervosas no cérebro. Este processo depende de vários fatores, tais como nutrição e saúde, no entanto, também influência grandemente a qualidade das interações com o ambiente e a riqueza e variedade de estímulos disponíveis.

A Psicologia epistemológica Genética, proposta por Piaget durante a primeira metade do século XX tinha um enorme impacto na educação, um inestimável trabalho, tanto a respeito das elaborações teóricas como em o possuir e praticar as funções pedagógicas inspirado na qual atualmente tem sido vasta e diversificada. A influência desta teoria na educação ainda hoje é muito importante, mesmo quando as leituras e o tipo de apropriação que, desde a educação inicial foram feitas atravessaram ao longo das décadas com grandes variações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação infantil constitui um nível educacional fundamental para o pleno desenvolvimento humano, pois nesta fase da vida se estrutura nas bases e nas aquisições cognitivas que acontecem nos meios mais importantes. No entanto, a relevância deste nível para a grande maioria ainda é um espaço para o cuidado e a custódia das crianças com menos de seis anos. A prática educativa para a população infantil deve basear-se nos avanços em psicologia. O progresso no que diz respeito às possibilidades cognitivas do ser humano, a uma educação pré-escolar que respeite as necessidades das crianças e a imensa capacidade das mesmas em desenvolver o pensamento. É nesses primeiros anos de vida que há maior possibilidade para desenvolver múltiplas inteligências.

Em face do exposto á percebemos ainda hoje com uma rotina e prática pedagógica repetitiva, cheia de estereótipos, aonde a ação das crianças, em alguns casos, não vai além de cortar, colar, desenhar, pintar, entre outros. É contundente que devemos passar de ação para reflexão, na qual as crianças usam suas habilidades cognitivo-sensoriais para desenvolver o seu pensamento e consequentemente ocorrer desenvolvimento e a aprendizagem. A importância do meio ambiente é reforçada neste referencial corroborando cada vez mais a ideia do que os seres humanos podem se tornar, sem perder de vista o componente genético, que a experiência, aprendizado e contexto permitem que sejam, particularmente nos primeiros anos de vida. O fato de considerar as capacidades do cérebro com uma grande maleabilidade para modificar, corrigir, regenerar ou estagnar, dependendo da intervenção de estímulos ambientais, oferece a possibilidade de pensar em uma Educação Inicial baseada na mediação dos processos, estimulação cognitiva e integral do desenvolvimento intelectual, físico, moral, social, linguagem, emocional, sexual e motora.

Em harmonia com essas abordagens, a mediação é considerada e os estímulos abrangentes devem dar à criança a oportunidade de realizar representações mentais, porque este processo é uma das conquistas mais importantes da inteligência humana e você deve estimular a criança a manter foco nos esforços – com frequência – para tanto, você poderá pensar ativamente, o que envolve tanto o mental como o físico, bem como o emocional, porque quando a criança pensa desta maneira, ativa suas funções cognitivas, mas também colocam nos trabalhos todas as suas potencialidades e inteligências.

É apropriado esclarecer que a mediação e o estímulo para as crianças em idade escolar – educação infantil – na primeira infância deve ter a família no papel principal, isso pode trazer contribuições insubstituíveis para o desenvolvimento da criança, onde a

nuance fundamental é dada pelas relações emocionais que são estabelecidas entre elas. No entanto, existem muitas situações familiares que tornam impossível o desenvolvimento ideal e desejado das crianças dentro do seu próprio contexto. A Educação Infantil deve agir em estreita colaboração com a família. Os ensaios e ações formuladas no ambiente familiar, não devem criar dicotomias, ou marcar uma distância excessiva em relação a parâmetros educacionais. Portanto, as instituições educacionais devem ser promotoras de uma educação que insira a família e a comunidade, que ajude pais e representantes a favorecerem o desenvolvimento integral de filhos.

Quando apresentada, ela evidência atualmente como a promoção do desenvolvimento, é feita sobre a base de fraquezas e não de capacidades. Este aspecto é fundamental nos processos de mediação e estímulos, tradicionalmente, as deficiências são estimuladas e não as forças. Essa postura para favorecer ambas as potencialidades devem obedecer a um processo, a criança que pode vir a ser ajudada a construir uma autoestima adequada, que ofereça maior segurança em seu ambiente. Também pode vir a ajudar o professor na identificação das crianças que têm potencial para serem mediadores ou sujeitos de maior competência cognitiva que favorecem outros colegas na construção de aprendizagem e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

BASSEDAS, Eulália. Intervenção educativa e diagnóstica psicopedagógico. São Paulo: Artmed, 1996.

BOCK, A. M. B. A Psicanálise. In: BOCK, A. M. B. Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologias. São Paulo: Saraiva, 2002, p.70-83.

BOSSA, Nadia A. A psicopedagogia no Brasil: Contribuições a partir da prática. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

CAVICCHIA, Durlei de Carvalho. Psicopedagogia na instituição educativa: a creche e a pré-escola. In: SISTO, Fermino Fernandes; et al. Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

FONSECA, V. da. Introdução às Dificuldades de Aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

FONTANA, Roseli. CRUZ, Maria Nazaré da. Psicologia e trabalho pedagógico. São Paulo: Atual, 1997.

RAUSC, R. B.; SCHLINDWEIN, L. M. As ressignificações do pensar/fazer de um grupo de professoras das séries iniciais. Contrapontos, Itajaí, v. 1, n. 2, p. 109-23, 2001.

TIBA, Içami. Quem ama, educa. 2ª ed. São Paulo: Gente, 2002.

TISSATO, Maria Lúcia; SIMADON, Siloé Salete. Educação e afeto: importância das relações interpessoais na orientação pedagógica. Revista do Professor. Porto Alegre. v.18. n.69. jan./mar. 2002.

SÁNCHEZ, Pilar Arnaiz. A Psicomotricidade na Educação Infantil: uma prática preventiva e educativa. Pilar Arnaiz Sánchez, Marta Rabadán Martínez e Iolanda vives Peñalver; tradução Inajara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. et alii. (1988). Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo (Brasil): Ícone.